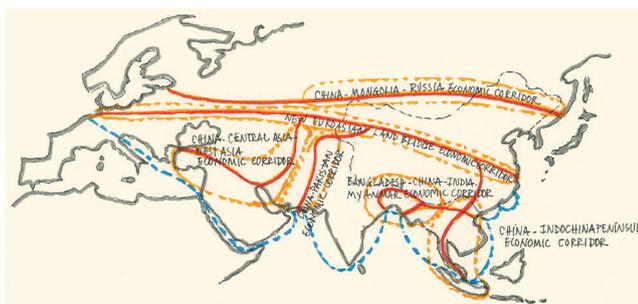


A Cooperação Portugal - China na construção da Faixa Económica da Nova Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do século XXI

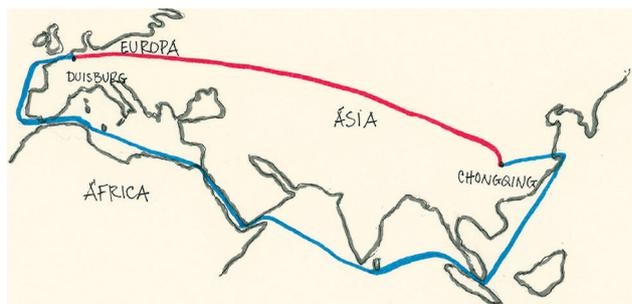
二十一世纪“一带一路”建设之中葡合作

Fernanda Ilhéu
Professora no ISEG
Presidente da ANRS

O sucesso da viagem do Presidente Xi Jinping a Portugal e a assinatura do Protocolo de Cooperação entre os governos de Portugal e da China, no quadro da Faixa Económica da Rota Seda e da Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI, elevam, de uma forma muito significativa e estruturada, o nível de cooperação entre os dois países. No entanto, as pessoas menos familiarizadas com a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” têm muita dificuldade em realmente perceber do que se trata e qual o interesse que esta iniciativa poderá ter para o mundo e nomeadamente para Portugal.



As Rotas Terrestres ¹



A Rota da Seda Marítima do Século XXI ¹

Durante a visita do Presidente Xi Jinping a Portugal, a comunicação social transmitiu várias mensagens que tiveram o mérito de chamar a atenção para a iniciativa, mas vincularam, muitas vezes, interpretações marcadas por uma perspetiva de relações internacionais de um mundo ainda não multipolar, de um mundo que foi bipolar até aos anos 90 do século XX, debaixo de um clima de guerra fria entre os EUA e a Rússia e blocos alinhados e que, depois da queda do muro de Berlim em 1989, passou a ser unipolar, com uma clara hegemonia americana.

A ascensão da China a segunda economia do mundo, em 2010, e sobretudo o desafio que o Presidente chinês fez, em Davos, em 2017, de liderar o processo de globalização, face a uma atitude protecionista dos EUA, ligando a iniciativa “Faixa e Rota” a um novo modelo de globalização, levam a que muitos olhem para a China como o desafiador

dos EUA num mundo bipolar. No entanto, a China convida a Europa e os países de outros continentes para uma construção conjunta deste novo mundo que, na sua conceção, deverá ser multipolar. Os EUA com a permanente ameaça de protecionismo e guerras comerciais, não só com a China, mas também com a Europa, com o México e com outros países, com o *mindset* da América primeiro, gerem presentemente os relacionamentos com os seus aliados europeus de forma a manterem um modelo de liderança unipolar por si liderado. Estão a criar, assim, através dos seus relacionamentos diplomáticos e dos media, a ideia de que todas as estratégias da China têm como objetivo único a liderança mundial do seu modelo político, tal como no século XX a Rússia tinha, dando a perspetiva de que se está a preparar uma nova guerra fria, em que quem coopera com a China está contra os EUA. São frequentes as narrativas de que a China utiliza espionagem cibernética para conseguir

progresso científico e ganhos tecnológicos e comerciais, para alcançar supremacia económica e, sobretudo, política sobre outros países. Não devemos trabalhar com base na presunção de intenções escondidas da China, com objetivos de hegemonia mundial, até porque a História diz-nos que, no passado, isso nunca aconteceu. Lembro, por exemplo, que nos séculos XV e XVI, na Dinastia Ming, quando a China era uma importante economia para a época, líder mundial no uso de armas baseadas em pólvora e com elevados conhecimentos na construção naval e na navegação, que possibilitaram as sete viagens transatlânticas de Zheng He, nunca teve como objetivo a hegemonia política, limitando-se ao desenvolvimento das relações

comerciais com outros povos, sem preocupações com o domínio territorial. Podemos ver presentemente que a China coloca como exigência, nos seus projetos de cooperação com outros países, que estes se não intrometam na política chinesa e que não reconheçam Taiwan como estado soberano. Mas não exige que esses países sigam o seu modelo e a sua filosofia política. Devemos, então, tentar conhecer melhor a iniciativa “Faixa e Rota” e a “Nova Rota Marítima do Século XXI” e perceber o tipo de cooperação que podemos estabelecer com a China e seguir a frase de Confúcio “onde quer que vás, vai com todo o teu coração”, ou seja, temos de acreditar e ver que benefícios poderão o mundo e Portugal obter com a construção deste novo modelo de globalização e de relacionamentos internacionais. Assim, vamos analisar as diretivas produzidas pelo governo chinês para esta iniciativa e investigar os trabalhos de pesquisa e reflexão já realizados por fontes isentas e credíveis.

Começando por analisar o documento estruturante desta iniciativa – “Visão e Ações para Construir Conjuntamente a Faixa Económica da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI”, emitido em 2015, pela CNDR (Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma) do governo chinês –, conclui-se que o objetivo desta iniciativa é o desenvolvimento económico sustentado da China, em

“A China utiliza o investimento no exterior para desenvolver um sistema multilateral de comércio e não tenta fazer penetrar a sua ideologia política nos países onde investe.”

“O nome Rota da Seda vem do nome dado, em 1877, às antigas Rotas da Seda, pelo explorador alemão, Barão Ferninand von Richthofen.”

conjunto com os países que queiram cooperar na construção dessa nova realidade. Nas poucas vezes que a palavra política aparece no documento é adjetivada pela palavra económica ou por abertura do estado chinês. Fazendo uma pesquisa mais alargada a outros documentos do governo chinês com ele relacionados, vemos também que a visão

vinculada é sempre a de construção de desenvolvimento económico, num mundo multipolar. Mas a iniciativa é recente e está a ser construída e, mesmo na China, existem muitas dúvidas sobre o caminho que se vai percorrer e como vai ser percorrido. Muitos debates ao nível de *think tanks*, academias e entidades governamentais tem havido sobre o tema, e o modelo está a ser interativamente moldado em conjunto com os países que, aos poucos, nego-

ceiam com a China memorandos de entendimento sobre essa cooperação. As análises e reflexões começam pela própria classificação desta iniciativa. Estamos a falar de uma visão, de uma estratégia, de um Plano Marshall? De onde vem este nome?

Pela leitura de alguns trabalhos académicos, nomeadamente do livro *China's One Belt One Road Initiative, Challenges and Prospects*, de Sharma & Kundu (2016), podemos concluir que a China tem em relação a esta iniciativa duas visões estratégicas, uma externa e outra interna. Externamente, não é uma entidade, uma instituição, uma organização internacional, mas uma ideia, uma visão focada na cooperação e desenvolvimento. Fala-se de plataformas de cooperação, que têm por objetivo o desenvolvimento económico proativo, obtido através de parcerias de cooperação entre a China e outros países de uma forma bilateral ou multilateral. Estas parcerias deverão vir ao encontro das necessidades de desenvolvimento rápido dos países envol-

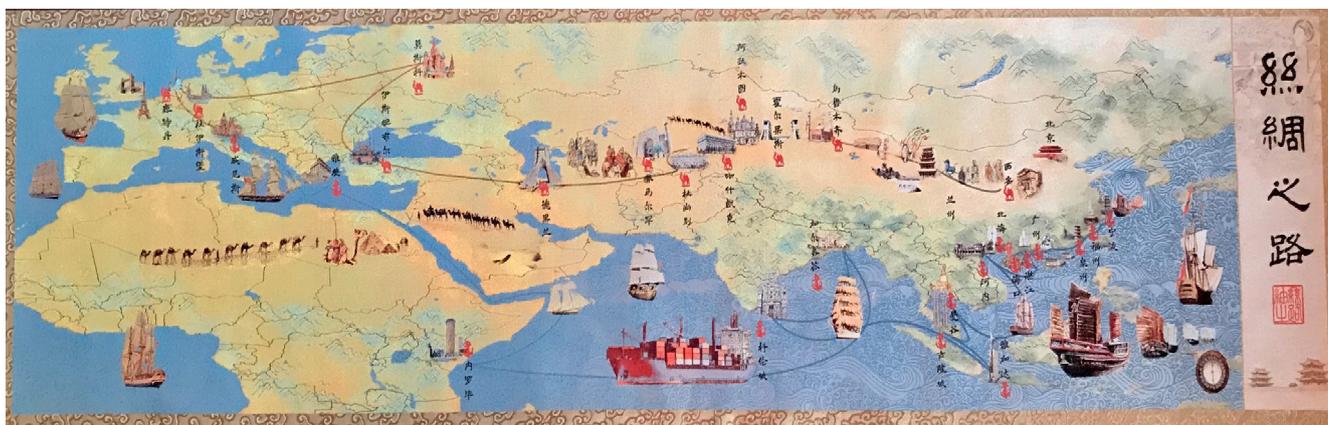
vidos, abrindo novas janelas de oportunidades, baseadas na complementaridade de vantagens competitivas. Externamente, o termo estratégia nunca é usado nos documentos oficiais da China. Internamente, é uma nova estratégia que a China adota para promover a sua abertura ao exterior e, simultaneamente, desenvolver as províncias centrais e ocidentais mais pobres, bem como reforçar a sustentabilidade

das províncias da costa oriental e sul, onde a integração da área da Grande Baía, em que Macau e Hong Kong se inserem, é uma prioridade. Internamente, o termo utilizado é visão estratégica, ligando as estratégias de desenvolvimento regional com a visão da “Faixa e Rota”.

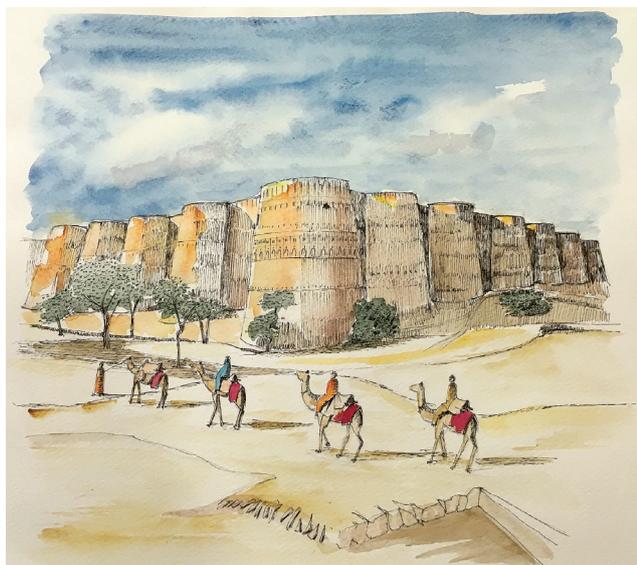
Não é um Plano Marshall, porque as bases de partida e os objetivos são diferentes. O Plano Marshall surge no pós-guerra, com uma Europa destruída e um mundo bipolar, o comunista liderado pela Rússia e o capitalista pelos EUA. Existia o perigo, de que se a recuperação económica e social da Europa não se fizesse rapidamente com um modelo capitalista, tendo a Rússia ocupar um espaço fértil para estender a sua influência política a outros países europeus. Os EUA forneceram ajuda económica aos países europeus, fazendo penetrar a sua ideologia política. A iniciativa “Faixa e Rota” tem um enquadramento muito diferente. Pretende caminhar para um mundo multipolar, com a globalização económica assente em diversidade cultural e política. A China utiliza o investimento no exterior para desenvolver um sistema multilateral de comércio e não tenta fazer penetrar a sua ideologia política nos países onde investe. Os modelos de cooperação também são diferentes. O Plano Marshall tinha como alvo a recuperação económica de países europeus que já tinham sido desenvolvidos e eram avançados científica e tecnologicamente, mas que tinham sido devastados pela guerra e sabiam o que fazer. No caso da iniciativa “Faixa e Rota”, temos um projeto que envolve países desenvolvidos, mas também países emergentes e países subdesenvolvidos que não têm capacidades endógenas de se desenvolver, estando, assim, ligado a um novo modelo de globalização. Os sistemas de implementação são também diferentes: os EUA tinham um forte controlo administrativo e financeiro sobre a ajuda

“... a iniciativa “Faixa e Rota” pretende que os projetos que venham a ser desenvolvidos respeitem as regras internacionais.”

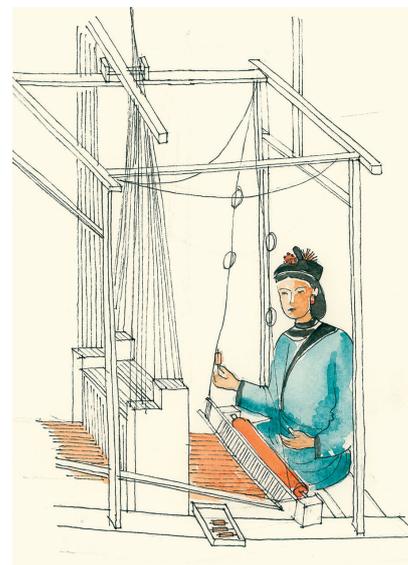
prestada, através do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, ao passo que a iniciativa “Faixa e Rota” pretende que os projetos que venham a ser desenvolvidos respeitem as regras internacionais. Não procura controlar o Asian Investment Infrastructure Bank, banco criado em 2015, a pensar no financiamento de projetos da iniciativa, estando aberto à cooperação e a parcerias financeiras com outras instituições, como o Banco Mundial, o Banco Europeu de Investimentos, o Asian Development Bank, o Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento para financiamentos desses projetos. Por exemplo, nos relacionamentos com o continente africano, o Presidente Xi referiu, no Fórum Cooperação China-África, realizado em Pequim, em 2018, que a China segue uma cooperação, sem intervenção nos assuntos internos dos países africanos e sem procurar ganhos políticos no investimento e no financiamento da cooperação com África (Frankopan, 2018). Curiosamente, o Presidente de Angola, João Lourenço, num discurso que fez no Parlamento Europeu, em 4 junho de 2018, assumindo-se como porta-voz dos líderes



Mapa das Antigas Rotas da Seda ²



As Caravanas ³



A Seda ³

africanos, desafiou a UE para estabelecer um quadro de cooperação multilateral para África, que a médio e longo prazo possa reverter a situação de extrema pobreza no continente africano, afinal a solução sugerida por Angela Merkel – um Plano Marshall para África – para resolver o problema das migrações africanas para a Europa. A questão que levanto é se esse Plano não é a proposta da China com a iniciativa “Faixa e Rota” para África, mas sem as imposições ideológicas e políticas enumeradas acima e em parceria com a Europa.

Afinal, a ideia de revigorar a antiga Rota da Seda já tinha sido antecipada pelos EUA, em 2011, Hillary Clinton, num discurso que fez em Chennai na Índia, na sua qualidade de Secretária de Estado do governo americano afirmou: “Historicamente, as nações da Ásia Central e do Sul estiveram conectadas umas com as outras e com o resto do continente por um *network* alargado de comércio chamado a Rota da Seda. [...] Vamos trabalhar juntos para criar uma nova Rota da Seda” (Frankopan 2018, p. 91).

Mapa das Antigas Rotas da Seda

Mas foi a China que avançou com a iniciativa em 2013. O nome Rota da Seda vem do nome dado, em 1877, às antigas Rotas da Seda, pelo explorador alemão, Barão Ferninand von Richthofen. Eram fluxos de pessoas, que se transportavam em camelos para fazer percursos entre a Europa e a Ásia, que duravam anos e se estendiam por milhares de quilómetros, a fim de realizar negócios, o mais importante dos quais foi o da seda. Daí o nome. Mas, nas caravanas, viajavam também religiosos, cientistas, exploradores, ar-

queólogos, artistas e todo o tipo de pessoas que se moviam permanentemente, possibilitando a troca de costumes, a aprendizagem linguística e toda a miscigenação. Foram rotas criadoras de grande riqueza monetária, espiritual, artística, científica e civilizacional (Ilhéu & Janeiro, 2018).

A cooperação de Portugal com a China na construção da Nova Rota da Seda está já enquadrada pelo Protocolo referido acima e contempla diversas áreas, nomeadamente: o desenvolvimento de infraestruturas de transportes, portuárias e logísticas, o processamento industrial, o cluster do mar, a cooperação nas áreas financeira, comercial, tecnológica e cultural, bem como a cooperação com países terceiros e a ligação entre os povos. A cooperação na mobilidade elétrica, nas energias renováveis, e a conectividade digital são enfatizadas, assim como a ideia de potenciar sinergias entre as duas economias, desenvolvendo projetos que tragam benefícios mútuos. ■

¹ Fonte: Aguarelas de Leonor Janeiro em Ilhéu e Janeiro, capítulo IX, p. 146

² Fonte: Seda Pintada do Museu Provincial de Gansu

³ Fonte: Aguarelas de Leonor Janeiro em Ilhéu e Janeiro, capítulos I e II, pp. 15 e 40

Referências bibliográficas

- CNDR (2015), *Visão e Ações para Construir Conjuntamente a Faixa Económica da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI* <http://pt.china-embassy.org/chn/sghd/P020160713657093446522.pdf>
- Frankopan, P. (2018). *The New Silk Roads – The Present and the Future of the World*. London: Ed. Bloomsbury.
- Ilhéu, F. & Janeiro, L. (2018). *A China e a Revitalização das Antigas Rotas da Seda – Novo Vetor do Comércio Mundial*. Lisboa: Associação Amigos da Nova Rota da Seda e Instituto Internacional de Macau.
- Sharma, B. K. & Kandou, N. (2016). *China's One Belt One Road, Initiative, Challenges and Prospects*. New Delhi: VIJ Books India PVT, LTD.